



Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Departamento de Comunicação, Artes e Letras
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso

**A influência do Globo Esporte e do Esporte Espetacular da Rede
Globo de Televisão sobre os demais programas esportivos
televisivos do Brasil**

André Campos Machado - Junho de 2018

Universidade Federal do Amapá - UNIFAP
Departamento de Comunicação, Artes e Letras
Curso de Jornalismo
Trabalho de Conclusão de Curso

**A influência do Globo Esporte e do Esporte Espetacular da Rede
Globo de Televisão sobre os demais programas esportivos
televisivos do Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo, do Departamento de Comunicação, Artes e Letras da Universidade Federal do Amapá. Categoria Monografia, na modalidade Jornalismo Esportivo, sob orientação do Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar.

André Campos Machado - Junho de 2018

ANDRÉ CAMPOS MACHADO

**A influência do Globo Esporte e do Esporte Espetacular da Rede
Globo de Televisão sobre os demais programas esportivos
televisivos do Brasil**

Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado e aprovado em sua forma pelo Colegiado de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá.

Data da aprovação: ____/____/____

Prof. Dr. Jefferson Ferreira Saar

Orientador

Prof. Dr. Rafael Wagner Dos Santos Costa

Membro da Banca

Prof^ª. Dr^ª. Roberta Scheibe

Membro da Banca

“O jornalismo nunca pode ficar em silêncio: Esta é a sua maior virtude e o seu maior defeito. É preciso falar, e falar imediatamente, enquanto os ecos da maravilha, as alegações de triunfo e os sinais de horror ainda estão no ar”.

Anatole Henry Grunwald

DEDICATÓRIA

A Deus por ter me proporcionado saúde e força para seguir motivado a superar as barreiras e as adversidades da vida e dificuldades.

A esta Universidade que concedeu a oportunidade que hoje almejo um horizonte superior, contando com a confiança, mérito e ética aqui presentes.

Ao meu orientador pelo suporte e paciência e pelas suas correções e incentivos.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, muito obrigado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de chegar até aqui. Em segundo, agradeço à minha família, por serem sempre o meu porto seguro em todos os momentos da minha vida. Aos meus professores, meus sinceros agradecimentos. Em especial faço um agradecimento ao professor Dr. Jefferson Ferreira Saar, pela sua disponibilidade e acessibilidade em me orientar neste projeto, as suas sugestões foram bastante proveitosas para o desenvolvimento deste trabalho.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO.....	09
1 GÊNESE E EVOLUÇÃO DO TELEJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL E O EMPREGO DO HUMOR NA PROGRAMAÇÃO DOS ESPORTES.....	15
1.1 A gênese e a evolução histórica do jornalismo esportivo brasileiro.....	15
1.2 O telejornalismo esportivo no Brasil: das origens à massificação.....	18
1.3 O emprego do humor na programação dos esportes.....	19
2A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS ESPORTIVOS PARA A DIVULGAÇÃO DOS ESPORTES.....	24
2.1 Os programas esportivos no rádio.....	25
2.2 Os programas esportivos Na televisão.....	26
3 A INFLUÊNCIA DOS PROGRAMAS GLOBO ESPORTE E ESPORTE ESPETACULAR SOBRE O TELEJORNALISMO BRASILEIRO.....	28
3.1 Programa Globo Esprte.....	28
3.2 Programa Esporte Espetacular.....	30
4 ESTUDO DE CASO.....	33
4.1 Globo Esporte.....	33
4.2 Esporte Espetacular.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

RESUMO

O presente estudo intitulado “A influência do Globo esporte e do Esporte Espetacular da Rede Globo de televisão sobre os demais programas esportivos televisivos do Brasil” consiste na análise acerca da influência dos referidos programas sobre o telejornalismo em todo o país, considerando aspectos como a origem e evolução desse ramo jornalístico, o emprego do humor nos programas esportivos, a importância desses programas para a divulgação dos esportes e a influência dos dois programas citados sobre toda a produção jornalística operacionalizada na seara dos esportes. A produção textual do trabalho foi alicerçada em rigorosa pesquisa bibliográfica e com consulta e nos pressupostos teóricos e metodológicos de autores cujos trabalhos são referenciais indispensáveis para esse tipo de estudo.

Palavras-chaves: comunicação, televisão, esporte, jornalismo; jornalismo esportivo.

1. ABSTRACT

The present study entitled "The Influence of Globo Sport and the Spectacular Sport of Rede Globo TV on the other television sports programs in Brazil" consists of the analysis about the influence of said programs on television journalism throughout the country, considering aspects such as the origin and the evolution of this journalistic branch, the use of humor in sports programs, the importance of these programs for the dissemination of sports, and the influence of the two programs mentioned above on all journalistic production operationalized in the field of sports. The textual production of the work was based on rigorous bibliographical research and consultation and on the theoretical and methodological assumptions of authors whose works are indispensable references for this type of study.

Keywords: communication, television, sports, journalism; sports journalism.

INTRODUÇÃO

No âmbito da cultura popular brasileira e na seara dos esportes de massa, o futebol e outras modalidades como o basquete, o vôlei, o boxe, entre outras, é sem dúvida o futebol a modalidade que mobiliza o maior número de pessoas e desperta um conjunto de sentimentos que se situam entre o amor e o ódio. O poder de aglutinação de pessoas em torno de clubes, seleções, atletas e grandes jogos e competições é tão significativo a ponto de fazer do futebol um polo irradiador e catalisador de circunstâncias que lhes são até transcendentais com influências em variados setores da sociedade em todo o mundo, merecendo por esse múltiplo caráter a ampla cobertura dos veículos e aparelhos midiáticos.

O presente trabalho se justifica na medida em que levanta, demonstra e analisa o jornalismo esportivo emitido pelos canais abertos de televisão, sobretudo, no caso do jornalismo esportivo brasileiro, o modelo desenvolvido pela principal rede de televisão do país, a Rede Globo, em duas de suas atrações esportivas: os programas Globo Esporte e Esporte Espetacular, produzidos e apresentados nos formatos diário e semanal, respectivamente.

Assim, o trabalho de pesquisa mostra-se relevante pelo fato de contribuir para a compreensão acerca do funcionamento do jornalismo esportivo na televisão aberta através de programas como Globo Esporte e Esporte Espetacular, veiculados pela Rede Globo de Televisão. Do ponto de vista científico, a pesquisa traz para a produção acadêmica o conhecimento acerca da produção jornalística voltada para a cobertura esportiva e a linguagem empregada por esses programas para atingir camadas mais amplas da sociedade.

Os efeitos decorrentes dos programas esportivos podem ser acusados simultaneamente à veiculação e podem se estender a curto, médio ou longo prazo com diferentes desdobramentos e repercussões. Com base nesses aspectos, a pergunta norteadora do objeto de estudo e problematização indaga: “Quanto à evolução do telejornalismo esportivo brasileiro se deve aos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular?”. Quanto à hipótese que supostamente responde essa interrogação até a sua confirmação no cerne do eixo de problematização, pressupõe-se que a retirada das bancadas de apresentação nesses programas contribuiu para a evolução dos novos formatos do jornalismo esportivo; e, o fato de ambos os programas já estarem no ar a mais de quatro décadas influencia sobre os demais programas esportivos de outras emissoras de TV.

O objetivo geral do estudo consiste em analisar de forma teórica e inferencial como os programas Globo Esporte e Esporte Espetacular vêm contribuindo para a evolução do

telejornalismo esportivo brasileiro. Quanto aos objetivos específicos, o estudo busca verificar a relevância do humor dentro dos programas esportivos; compreender a importância dos programas esportivos para a divulgação dos esportes em geral; e, analisar a influência dos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão sobre os demais programas esportivos televisivos do Brasil.

O trabalho de pesquisa foi desenvolvido com base na abordagem qualitativa, bibliográfica e documental e no Estudo de Caso por meio da análise de conteúdo na forma inferencial sobre os programas Globo Esporte e Esporte Espetacular.

Conforme Lakatos e Marconi (2010) compreendem que a pesquisa qualitativa se trata de uma investigação que tem como premissa, analisar e interpretar aspectos mais detalhados descrevendo a complexidade e fornecendo análises mais pormenorizadas sobre os estudos.

Algumas características básicas identificam os estudos denominados “qualitativos”. Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando “captar” o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevantes. Vários tipos de dados são coletados e analisados para que se entenda a dinâmica do fenômeno. Partindo de questões amplas que vão se aclarando no decorrer da investigação, o estudo qualitativo pode, no entanto, ser conduzido através de diferentes caminhos (SCHMIDT, 1995, p. 21).

De acordo com Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica parte da consulta em documentos escritos e recursos da comunicação oral como as ferramentas audiovisuais, entre outras ferramentas que sirvam de subsídio para a construção textual.

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

A pesquisa documental se desenvolve através de consulta nas fontes primárias, composta por documentos - escritos ou não -, e que podem ser produzidas simultaneamente - ou posteriormente - aos acontecimentos.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

O método de pesquisa utilizado na investigação é o Estudo de Caso que, conforme Yin (2005), o uso do estudo de caso se encaixa quando se pretende saber como e o porquê de acontecer tais eventos contemporâneos. O autor ressalta que o estudo de caso é uma pesquisa empírica que permite o estudo de um fenômeno dentro de seu contexto da vida real, de preferência quando os limites entre o objeto e o contexto não estão bem definidos.

O estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo – tratando da lógica de planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos. Nesse sentido, o estudo de caso não é nem uma tática para a coleta de dados nem meramente uma característica do planejamento em si, mas uma estratégia de pesquisa abrangente (LIMA, et al, 2012, p. 133).

A técnica de investigação utilizada na pesquisa é a Análise de Conteúdo. Segundo Campos (2004), a ‘Análise de Conteúdo’ é uma técnica de estudo que faz a descrição de conteúdos teóricos e metodológicos ou acontecimentos e conjunturas de forma objetiva, quantitativa e sistemática no cerne da pesquisa científica, e seu objetivo visa a descrição minuciosa das características de um contingente populacional, de um fenômeno ou de uma experiência para a realização de um estudo de natureza científica.

Desta forma Bardin configura a análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Porém, a própria autora afirma que este conceito não é suficiente para definir a especificidade da técnica, acrescentando que a intenção é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente de recepção), inferência esta que ocorre a indicadores quantitativos ou não. Desta forma, atualmente, a técnica de análise de conteúdo refere-se ao estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos (CAMPOS, 2004, p. 612).

A revisão da literatura foi pautada nos textos e informações que tratam especificamente do objeto em questão e que se fundamentam teoricamente nos pressupostos de autores cujos estudos foram debruçados sobre a temática problematizada.

O objeto de análise do presente estudo são os programas da Rede Globo de Televisão, Globo Esporte e Esporte Espetacular. Foram analisados três programas Globo Esporte, o 1º exibido em 1986 e apresentado por Fernando Vanucci; o 2º foi apresentado por Alexandre Bacci em 1999; o 3º programa é de 2018 e foi apresentado por Cris Dias. Em relação ao Esporte Espetacular o 1º programa analisado foi o de 28 de Agosto 1988, apresentado por Fernando Vanucci e Sergio Ewerton, o 2º é de 2005 apresentado por Luis Ernesto Lacombe e Eliani Oliveira, o 3º é de 2018 apresentado por Felipe Andreoli e Fernanda Gentil.

Este pesquisador assistiu e fez a análise de conteúdo de forma inferencial dos programas citados acima, seguindo os seguintes critérios de análise: Formato das vinhetas de abertura: analisar quanto ao avanço tecnológico e dinamismo das vinhetas e das imagens de abertura dos programas; Sobre uso das bancadas (com ou sem ela): analisar as formas de apresentações com a presença da bancada e posterior a sua retirada; Sobre a oralidade dos apresentadores: verificar a evolução da linguagem dos apresentadores com o passar dos anos; A formalidade e/ou informalidade dos programas jornalístico-esportivos analisados; Evolução do tempo de programas: analisar se houve alteração no tempo do programa e/ou mudança de horário; Modos de filmagens (evolução da cobertura de imagem dos programas): tentar identificar a quantidade das câmeras e dos planos de filmagem; A inserção da mulher nos referidos programas esportivos (apresentação e reportagem); Verificar se ocorreu alteração na quantidade de intervalos e anúncios nos referidos programas (Isso mostra dinheiro Lucro, mais público).

O Globo Esporte é um programa no formato telejornal no gênero esportivo e vai ao ar sempre no início das tardes de 12h50 às 13h20 de segunda à sábado. Atualmente a versão nacional do programa é apresentado por Cristiane Dias.

No dia 14 de agosto de 1978, em seu processo de expansão, a Rede Globo colocou no ar pela primeira vez um dos principais programas esportivos de sua grade e que ainda permanece sólido em termos de audiência, ainda que decorridas quatro décadas de sua entrada no ar, o programa em sua essência sempre procurou combinar informação de qualidade e com credibilidade com o entretenimento e cuja pauta traz notícias resumidas a respeito de jogos, clubes, atletas, torcidas e de diferentes curiosidades e peculiaridades do universo dos esportes. Inicialmente, o programa cobria os certames estaduais e o campeonato brasileiro e reportagens sobre as diversas modalidades esportivas, além do perfil de diferentes desportistas. Com o passar do tempo, os esportes amadores foram ganhando maior visibilidade e despertaram o interesse dos telespectadores. O Globo Esporte era transmitido no formato diário, de segunda à sexta-feira, porém, a partir de 1983, passou também a ser exibido no sábado. A partir de 2009, o formato do programa passou por uma mudança sensível na linguagem e na forma de apresentação graças ao jornalista Tiago Leifert, que ao se tornar editor-chefe e principal apresentador, aboliu o uso do *teleprompter* e deu maior naturalidade e

fortalecendo o entretenimento, diversão e oxigenando a audiência e a popularidade do programa a partir do Globo Esporte apresentado para São Paulo e que serviu de modelo para a edição nacional do programa (MEMÓRIA GLOBO, 2017).¹

O Esporte Espetacular é uma revista eletrônica semanal de esportes apresentado em dupla que é exibido aos domingos de 09h30 às 12h30 e mostra reportagens de modalidades esportivas variadas.

Criado em 1973 no formato semanal, diferentemente do Globo Esporte que ao longo de quatro décadas apenas acrescentou o sábado no seu roteiro de veiculações a partir de 1983 -, o Esporte Espetacular (EE) chegou inclusive a ficar fora do ar em meados da década de 1980 para depois retornar e não deixar mais de constar na grade de programação da Globo. Dentre as atrações do telejornalismo esportivo da programação global, o EE é o mais antigo com um intervalo de quatro anos entre a primeira e a segunda fase. Apesar de ter sofrido alterações, o formato do programa é caracterizado pela dinâmica na combinação entre a informação e o entretenimento. O novo cenário tem por característica básica a adaptação a qualquer programa ou transmissão da emissora e, embora tenha uma padronização visual definida, foi projetado com o objetivo de “ênfatar a interatividade e a mobilidade” que passaram a caracterizar os programas esportivos da Globo dentro do novo formato e da linguagem que passariam a autá-los passou a ter design em “tons cromados, que ressaltam a tecnologia e remetem à ideia de modernidade. As linhas são neutras e lembram silhuetas de estádios e instalações esportivas (MEMÓRIA GLOBO, 2017).²

Intitulado “A influência do Globo Esporte e do Esporte Espetacular da Rede Globo de Televisão sobre os demais programas esportivos televisivos do Brasil”. O trabalho de pesquisa se divide em 03 (três) capítulos pautados no objetivo geral, e a análise problematizadora, efetuada sob o viés do objetivo geral, que consiste na análise teórica e inferencial acerca da contribuição dos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular para a evolução do telejornalismo esportivo brasileiro e a influência dos mesmos sobre outros programas esportivos veiculados na TV aberta ou nos canais por assinatura.

O Capítulo inicial, denominado “Gênese e evolução do telejornalismo esportivo no Brasil e o emprego do humor nos programas esportivos” no cerne das origens e da evolução histórica do telejornalismo esportivo; o segundo capítulo, intitulado “A importância dos programas esportivos para a divulgação dos esportes” analisa a programação esportiva transmitida pela TV aberta no Brasil, mais precisamente no eixo Sul/Sudeste; e, o terceiro e

¹ Extraído de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/formato.htm> - em 14/06/2018

² Extraído de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular.htm> - em 14/06/2018

último capítulo, denominado “A influência dos programas Globo Esporte e Esporte Espetacular sobre o telejornalismo brasileiro” analisa os impactos dessas duas atrações do telejornalismo esportivo global, veiculadas pelo principal veículo de comunicação do país, a Rede Globo, detentora de grande parte do monopólio nas transmissões esportivas no país e no exterior e cuja influência se estende através de tentáculos midiáticos por sua rede de emissoras de rádio e canais de televisão aberta ou por assinatura. Os capítulos foram construídos com base nos estudos de autores como Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, Edileuza Soares, André Ribeiro, Marcos Bretones, Carlos Henrique de Souza Padeiro, entre outros cujas produções constituem referenciais inestimáveis para os estudos e pesquisas voltados para o campo do jornalismo esportivo.

CAPÍTULO I

GÊNESE E EVOLUÇÃO DO TELEJORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL E O EMPREGO DO HUMOR NA PROGRAMAÇÃO DOS ESPORTES

1.1 A gênese e a evolução histórica do jornalismo esportivo brasileiro

No curso da segunda metade do século XIX, a seara dos esportes no Brasil tinha como carros-chefes turfe e o remo que eram privilégio dos cidadãos pertencentes às famílias mais ricas e tradicionais das principais capitais do país. O próprio futebol – o esporte mais popular do país e do mundo -, iniciou suas atividades em terras brasileiras a partir dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente, como uma modalidade esportiva restrita aos segmentos da elite economicamente dominante, tornando-se um fenômeno de popularidade no século XX à medida que clubes foram surgindo e angariando um grande número de seguidores e ligas e entidades foram sendo criadas para a organização de certames e competições, e a imprensa começou a dedicar cada vez mais atenção e espaços para a cobertura do futebol e de outras modalidades esportivas (MORELLI, 2014).

A história da cobertura jornalística das diversas modalidades do desporto no Brasil, de acordo com os pressupostos teóricos de Gonçalves (2005), tem início a partir do momento em que as camadas mais ricas, jornalistas e intelectuais passam a se interessar pelo acompanhamento de determinadas modalidades esportivas, sobretudo o futebol, que ao chegar ao Brasil, em 1894 não tinha para si as atenções, holofotes, microfones e câmeras que possui na atualidade.

Segundo Morelli, entre o período final do século XIX e os primeiros anos do século seguinte, a imprensa carioca exerceu a mediação entre clubes e entidades esportivas e o público aficionado dos esportes, “funcionando tanto como agente educadora (a difundir as regras e normas sociais de sports como o turfe e o remo, os mais populares naquele contexto)”. (MORELLI, 2014, p. 446), quanto como polo de irradiação das circunstâncias emanadas da seara desses esportes restritos ao entretenimento das elites, com destaque para o uso de fotografias na ilustração das páginas dos periódicos que eram dedicadas às modalidades citadas entre os anos de 1900 e 1910 (MORELLI, 2014, p. 446).

Ao abordar o contexto do Rio de Janeiro, então capital da república até 1960, Morelli observa que:

[...] a relação entre o desenvolvimento do esporte e a imprensa na cidade do Rio de Janeiro se caracterizou por uma via de mão dupla, onde o acréscimo do prestígio social da prática esportiva motivou sua divulgação nas páginas impressas, ao mesmo tempo em que essa progressiva valorização do esporte se deveu às notícias cada vez mais divulgadas pela imprensa guanabarina (MORELLI, 2014, p. 446).

A discriminação e o preconceito impostos ao universo esportivo eram reflexo da sociedade brasileira cuja elite política e economicamente dominante cultivava seus próprios valores e a imprensa, igualmente elitista, apenas reproduzia tal comportamento. Esse panorama permaneceu praticamente inalterado no começo do século seguinte como aponta Bretones, citando inclusive um grande nome da literatura brasileira e que também era ativista e militante de esquerda: Graciliano Ramos.

Preconceito e incertezas. Eram estas as palavras que dominavam o cenário do esporte brasileiro no início do século XX. As dúvidas em relação ao futuro do vôlei, do tênis e do basquete e das outras inúmeras atividades que, modestamente, agitavam as ruas e quadras do Brasil nunca foram tão grandes quanto às incertezas que rondavam os campos de futebol do país. Aliás, a ameaça feita ao esporte originário da Inglaterra era mais forte do que qualquer movimento pró-futebol. As críticas vinham de todos os lados, mas pareciam ser mais fortes quando eram feitas por pessoas formadoras de opinião, como no caso do escritor Graciliano Ramos, que chegou a profetizar: “Futebol não pega, tenho certeza; estrangeirices não entram facilmente na terra do espinho” (BRETONES, 2010, p. 10).

Apesar dos preconceitos e incertezas que marcaram o alvorecer da cobertura dos esportes pela imprensa começou a ampliar seus horizontes a principiar por São Paulo - não por acaso, o lugar do Brasil por onde o futebol teria entrado no final do século XIX por intermédio de Charles Miller - através de um diário chamado *Fanfulla*, que passou a divulgar a partir de 1910 notícias destinadas aos leitores italianos residentes na capital paulista. Suas “edições não traziam o resultado do jogo do dia anterior, muito menos a tática que time A usou contra o time B, mas sim um aviso que convidava os estrangeiros a fundar um clube de futebol,” (BRETONES, 2010, p. 10), residindo nesse contexto a fundação do Palestra Itália, que na década de 1940 passou a se chamar Sociedade Esportiva Palmeiras em função da conjuntura da Segunda Guerra Mundial (1939-1945)³ (BRETONES, 2010, p. 10).

³ Pelo fato de a Itália compor o bloco do Eixo Roma-Berlim-Tóquio, a partir do momento que o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, em 22 de agosto de 1942 e alinou-se ao bloco Aliado liderado pelos EUA, as associações, entidades e clubes pertencentes à comunidade italiana radicada no país tiveram mudar de nome e “abrasileirar” suas denominações. O mesmo aconteceu com o Cruzeiro Esporte Clube (MG), nascido em 1921 com o nome de Società Sportiva Palestra Italia.

A partir desse contexto embrionário, o jornalismo esportivo foi ganhando envergadura medida que a disseminação das práticas esportivas também eram nos diferentes setores da sociedade, não obstante o preconceito que vicejava nas redações jornalísticas. Sobre esse contexto de discriminação, o jornalista Paulo Vinícius Coelho, o PVC observa que naqueles tempos em que o jornalismo esportivo ainda engatinhava e estava longe de se afirmar e chegar ao status atual, sem aqueles relatos primitivos,

[...] ninguém jamais saberia, por exemplo, quando e qual foi o primeiro jogo do velho Palestra. [...] Nem do velho Corinthians, nem do Santos, nem que o futebol do Flamengo só nasceu em 1911, apesar de o clube ter sido fundado para a prática do remo 16 anos antes. A primeira cesta no Brasil, o primeiro saque. Tudo foi registrado [...] meio a contragosto. Porque nas redações do passado [...] havia sempre alguém disposto a cortar uma linha a mais dedicada ao esporte (COELHO, 2003, p. 8-9).

Os clubes mais populares do país surgiram nas primeiras décadas do século XX em lugares como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul. Assim, Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Atlético Mineiro, Cruzeiro, Internacional e Grêmio desde o começo de suas histórias, foram arrebanhando um grande séquito de seguidores, apaixonados e fanáticos e a imprensa foi seguindo essa tendência e passando a dedicar cada vez mais páginas, colunas e cadernos impressos, e informativos, programas e transmissões radiofônicas as diversas modalidades do desporto, especialmente – e por razões óbvias - o futebol (ESPORTE IG, 2008).

Na década de 1930, surgiu no Rio de Janeiro pelas mãos do jornalista Mário Filho - nome que batiza o estádio do Maracanã e irmão de Nelson Rodrigues, outro grande nome do jornalismo esportivo -, o *Jornal dos Sports*, o primeiro diário do Brasil que se dedicou exclusivamente ao desporto no âmbito das publicações sobre esportes, entre outros fatores, por conta da inserção dos negros em times de futebol, a começar do Clube de Regatas Vasco da Gama, no Rio de Janeiro. A presença de negros não somente no futebol, mas em outras modalidades contribuiu para a popularização da prática esportiva no Brasil e foi um indicativo de que uma nova camada social não somente passaria a tomar parte em competições esportivas, mas também formaria um novo público consumidor de notícias sobre os esportes. Em pouco tempo, outras publicações surgiram seguindo o exemplo de Mário Filho, como foi o caso da famosa e popular *Revista do Esporte*, também lançada no Rio de Janeiro e totalmente voltada para a cobertura esportiva.

A partir do *Jornal dos Sports*, foram surgindo publicações uma atrás da outra, como *O Globo*, os jornais pertencentes aos *Diários Associados*, *Diário Carioca*, *Última Hora*, *Jornal do Brasil*, *Lance*, entre outros, assim como o rádio esportivo foi se popularizando e ganhando identidade própria e um público cativo. Emissoras de rádio como a Nacional - a mais importante daqueles tempos -, a Tupi, Globo, Mayrink Veiga, Record, Bandeirantes (Band), Panamericana (Jovem Pan), Continental, Gazeta, entre outras espalhadas por todo o território nacional num período que ficou consagrado como *A Era do Rádio*.

A cobertura jornalística do futebol e das demais modalidades esportivas – uma mais e outras menos - também se intensifica simultaneamente a esse contexto e o crescimento dos campeonatos estaduais, os jogos olímpicos (Olimpíadas) e a realização da Copa do Mundo pela FIFA, a cada 4 anos a partir de 1930, quando foi sediada no Uruguai, contribuíram decisivamente para a massificação dos esportes e para que os aparelhos midiáticos começassem a dispensar maiores atenções e espaços para a cobertura das modalidades à medida que crescia o interesse popular e o jornalismo esportivo passava a ter um público bastante interessado nas notícias dos esportes.

1.2 O telejornalismo esportivo no Brasil: das origens à massificação

Inicialmente através dos jornais impressos e posteriormente pelas emissoras de rádio a partir da década de 1930, a cobertura esportiva pela imprensa ganhou um novo veículo em 18 de setembro de 1950 com a inauguração da PRF-3 TV Tupi Canal 3, em São Paulo e, em 20 de janeiro de 1951, no Rio de Janeiro, com a PRG-3 TV Tupi Rio Canal 6, pertencentes ao Grupo Diários Associados, do empresário paraibano Francisco de Assis Chateaubriand, o *Chatô*. a TV Tupi, depois Rede Tupi de Televisão, foi a primeira emissora de televisão do Brasil e da América Latina e ponto de partida para que várias outras incursões fossem efetivadas nesse ramo comunicacional a ponto de uma década depois o país e o continente já contassem com dezenas de emissoras (SANCHES et al, 2011).

Com a criação da Tupi e de outras que surgiram no seu rastro, os esportes começaram a aparecer nas telas dos televisores e os telespectadores se juntaram aos leitores dos jornais, revistas e periódicos, e aos radiouvintes no acompanhamento das coberturas esportivas. Com a Tupi, em 18 de setembro de 1950, em São Paulo, foi o ato inaugural da televisão no Brasil. Uma nova era começava a se descortinar na história da comunicação brasileira através do pioneirismo da emissora de Chateaubriand, cuja rede de comunicação se espalhava por todas

as regiões do país através de diversos jornais, revistas como a Revista Cruzeiro e uma infinidade de emissoras de rádio (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 2008⁴).

O advento da televisão foi um divisor de águas na história da comunicação de um modo geral e com impacto profundo em nível planetário sob todos os aspectos e com alcance gradativo sobre todo o conjunto da sociedade à medida que esse modelo de comunicação se expandia e atingia telespectadores em todos os continentes. No Brasil, não seria diferente e gradativamente o universo dos esportes foi sendo incorporado pela programação televisiva por conta da popularidade e massificação de determinadas modalidades, especialmente o futebol que àquela época já polarizava as atenções e preferências de grande parte da sociedade brasileira.

De conformidade com Ribeiro (2007), a partir da TV Tupi, a cobertura dos esportes que já era ostensiva no âmbito radiofônico, começou a invadir e ocupar espaços mais amplos e cativos nas grades de programações televisivas, a começar de noticiários e informativos, passando por programas de esporte, mesas redondas até chegar às transmissões ao vivo de jogos de futebol ou a exibição das partidas no formato vídeo-tape, entre outros meios e formas de veiculação das notícias e circunstâncias dos esportes através da programação televisiva.

Desde o começo da operacionalização da TV Tupi, o jornalismo esportivo sempre teve espaço, inicialmente por meio do programa *Vídeo Esportivo* e, ainda no primeiro ano começaram a ser transmitidos eventos esportivos, com veiculação do jogo entre Palmeiras e São Paulo realizado no estádio do Pacaembu, muito embora um número bastante reduzido de telespectadores – cerca de duzentas - tenham tido o privilégio de assistir o evento em suas casas pelo fato de os aparelhos de televisão existentes na época fossem artigos de luxo, caríssimos e utilizados apenas por indivíduos de alto poder aquisitivo (GROLL, 2016).

Um divisor de águas na história da televisão brasileira foi a inauguração da Rede Globo de Televisão no dia 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro. Esse fato marcou o início de uma nova etapa na evolução tecnológica da imprensa televisiva no Brasil e se constituiu num ganho significativo sob todos os aspectos, mas fundamentalmente, na teledramaturgia, no telejornalismo e, nesse quesito em especial, na cobertura dos esportes.

⁴ DIÁRIOS ASSOCIADOS. *Memória Diários Associados*. 2008. Disponível em: http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=45&co_menu=2&PHPSESSID=f4fd18f4e498f85ba7f9df96dd7a0331>. Acesso: 15Mai2018.

1.3 O emprego do humor na programação dos esportes

Como contraponto à linguagem rebuscada e eivada de formalismos, regras e rigores linguísticos, o emprego do humor no jornalismo esportivo passou a ser um recurso que no curso das últimas três décadas foi sendo gradativamente adotado nas diferentes emissoras das principais redes de televisão do Brasil, a partir do eixo sul-sudeste, seguindo uma tendência que já vinha sendo adotada por algumas rádios em suas programações e transmissões na seara dos esportes.

De acordo com Padeiro (2015), no contexto do jornalismo em tempos de globalização, algumas terminologias foram surgindo como reflexo dessa nova era em que a tecnologia tem sido elemento diferencial nas transformações que vêm ocorrendo ao longo das últimas três décadas em praticamente todos os setores da sociedade. Entre os termos que surgiram e foram incorporados ao universo jornalístico, mais especificamente na simplificação da linguagem jornalística e que adentrou o âmbito dos esportes, o infotenimento (*infotainment*, em inglês) resulta da junção entre informação e entretenimento e também pode ser vinculado a vertentes como a moda, o comportamento, hobbies, celebridades, entre outros. Trata-se de uma forma de comunicação socializada que ganhou maior visibilidade nos anos 1990 e que no jornalismo é tida como uma ferramenta que traz informação ao mesmo tempo em que proporciona divertimento.

O uso do humor no jornalismo, incluindo a vertente esportiva, deriva dessa nova circunstância trazida pelo infotenimento. Nesse sentido, autores como Cardoso asseveram que:

O humor é um dos recursos utilizados pelo infotenimento, cuja função é levar informação a quem não procura por ela, isto é, a pessoas de classes sociais inferiores que têm na televisão o único meio de distração e lazer. Devido ao fato de o humor ser utilizado tanto em programas de caráter jornalístico, quanto por programas de variedades que se apropriam do formato de telejornais, existe certa dificuldade em classificar o que de fato é jornal e o que não é (CARDOSO, 2014, p. 4).

De acordo com Cardoso (2014), em face da necessidade de atrair um público fiel para conseguir através da audiência ampliar seus horizontes de arrecadação comercial e demais demandas do ponto de vista mercadológico, vários programas jornalísticos ou de variedades e entretenimento passaram lançar mão do humor para seduzir e tirar da rotina entediante os telespectadores, especialmente aqueles pertencentes aos extratos sociais economicamente

mais pobres que não têm por hábito contumaz correr atrás da notícia. A contrapartida desse artifício é que seu emprego pode causar a espetacularização do conteúdo veiculado, desviando e e/ou mascarando o verdadeiro foco da notícia. No entendimento desse autor:

É recorrente nos depararmos com programas televisivos que fundem entretenimento e informação, seja pela apropriação de moldes jornalísticos em programas de variedades ou pelo uso de doses de humor em telejornais. É difícil distinguir o que se encaixa em cada classificação porque a linha entre esses dois ramos televisivos é extremamente tênue. [...] As razões para utilizar essa nova forma de transmitir informação, o infotimento, são diversas. Dentre elas, o objetivo de levar informação aos menos “esclarecidos” e assim conseguir uma audiência cada vez maior, para que o veículo de comunicação possa lucrar mais e mais. Entretanto, ao tentar atingir uma heterogeneidade do público-alvo, as empresas de televisão encontram-se diante do dilema de “facilitar” a linguagem e perder a profundidade do conteúdo ou falar com propriedade, mas alcançar uma pequena parcela de espectadores (CARDOSO, 2014, P. 1).

As relações intrínsecas ao esporte e que o vinculam ao lazer, à diversão e ao entretenimento e, nesse sentido, o jornalismo esportivo também se reveste desse mesmo caráter e passa a interagir na divulgação dos esportes com base no infotimento, como aponta Padeiro:

O esporte é lazer e isso explica a relação tão próxima do jornalismo esportivo com o entretenimento. Mais do que lazer, o esporte é educação, é prática saudável, é formação social, é cultura e envolve questões históricas, políticas e econômicas de interesse da humanidade. [...] o jornalismo esportivo pratica o infotimento: *INFO* engloba informação, prestação de serviço, contextualização, crítica, denúncia, fiscalização, conhecimento e independência; *TENIMENTO* são as estratégias adotadas para a produção do conteúdo jornalístico, com uma linguagem mais leve e até mesmo parcial (torcedora), com o uso de recursos tecnológicos e animação (também presentes em outros campos da comunicação) (PADEIRO, 2015, p. 33).

O crescente emprego do humor no jornalismo esportivo, entre outros fatores, se deve à concorrência com a Internet e o predomínio de um público jovem na audiência dos programas esportivos. A linguagem digital e as terminologias advindas dos aplicativos e redes sociais têm invadido nos últimos anos o universo do jornalismo esportivo e modificado o formato dos programas sempre tendo o humor como viés de entretenimento dos telespectadores e de manutenção dos índices de audiência. Segundo Carlos Eduardo Sá, editor-chefe do programa esportivo *É Gol*, do canal por assinatura SporTV, o recurso do humor virou tendência, entre outros fatores, em virtude da:

[...] maior audiência conseguida através dele, por atrair um público novo para os programas e por causa da concorrência com a internet. Alguma coisa só vira tendência se funciona, é claro. O esporte, por si só, tem esse viés de emocionar o telespectador, de entretê-lo. Eu converso muito com os editores do programa para eles buscarem essa brincadeira, essa irreverência. Nós pegamos muita coisa da internet, inclusive a linguagem. O jovem, que é um público novo, se identifica ao assistir, porque ele usa muito a internet. Assim, a gente consegue segurar a audiência, apesar de a internet ser hoje uma forte concorrente aos programas televisivos (*In VIEIRA, 2013, p. 29*).

O desafio de introduzir o recurso do humor como um fator predominante na linguagem cotidiana das atrações do telejornalismo esportivo resulta de um esforço coletivo e que mobiliza uma gama considerável de profissionais que aglutinam nas redações e estúdios de gravação. Os responsáveis pela edição identificam as temáticas e problemáticas cuja abordagem propicie o emprego de uma linguagem mais leve e humorada sem que se perca a essência do objeto em questão e quando e como deve-se lançar mão desse artifício uma vez que não existem regras consagradas para que se saiba o momento certo de abrandar o discurso e suavizar a forma de veicular determinadas notícias dos esportes.

A utilização do humor é muito pessoal, não é uma ordem da direção do canal. É uma decisão de editor-chefe para editor-chefe. É muito *feeling*, para você não exagerar. Às vezes, você escuta os outros editores, repórteres e telespectadores e vê que exagerou. Às vezes, percebe que deixou de brincar (*SÁ in VIEIRA, 2013, p. 30*).

O humor adicionado à linguagem dos programas esportivos tanto no rádio como na televisão, de acordo com Pereira (2013), torna o produto jornalístico, ou seja, a matéria esportiva, mais consumível, palatável e apta para ser vista e ouvida. Nesse sentido, esse recurso contribui enormemente para o entretenimento das pessoas que ouvem os programas esportivos no rádio e assistem às atrações esportivas na televisão. O autor aponta os ambientes e elementos que compõem o universo do entretenimento enquanto linguagem e que se materializam através de quatro circunstâncias: o envolvimento emocional, os elementos lúdicos, as expressões simples e intuitivas e a Multissensorialidade.

O adendo do humor nos programas esportivos acabou de certa forma abrindo espaços cada vez mais amplos e significativos para a emergência de uma nova categoria de apresentadores e apresentadoras, jovens e dinâmicos, já que era necessário fazer uso de uma metodologia diferenciada na condução das atrações e a audiência começou cada vez mais a depender da performance dos apresentadores-âncoras na mesma proporção com que mulheres passaram a tomar parte nesse ambiente, antes ocupado predominantemente ou quase que

exclusivamente por homens, ou seja, um “Clube do Bolinha” onde somente os homens eram os donos da “bola”. Com o advento do humor, as vozes afinaram, e no lugar dos “carrinhos” entraram a beleza e o “salto alto”.

CAPÍTULO II

A IMPORTÂNCIA DOS PROGRAMAS ESPORTIVOS PARA A DIVULGAÇÃO DOS ESPORTES

A veiculação de programas esportivos nos diferentes meios de comunicação sempre teve espaço reservado nas grades de programações e quase sempre foram sinônimo de elevados índices de audiência e, por esses e outros motivos, objeto de massificação e popularização. Fossem grandes, médias ou pequenas emissoras de rádio ou televisão, a grande maioria delas sempre reservou – e ainda reserva - lugares privilegiados para as atrações pertencentes à seara dos desportos (GROLL, 2016).

A importância dos programas esportivos para a divulgação da variedade de modalidades esportivas existentes em todo o mundo é indiscutivelmente fundamental na medida em que essas ferramentas potencializam a divulgação de cada uma das modalidades, bem como das competições, certames e demais eventos nos quais elas tomem parte entre as atrações (COELHO, 2004).

A popularidade alcançada por diferentes práticas esportivas como o futebol - a mais popular e disseminada em todo o planeta -, o basquetebol, o voleibol, o atletismo, o automobilismo, o boxe, o tênis, as artes marciais – com destaque para variantes como o *UFC*⁵ que nas últimas duas décadas tornou-se uma das modalidades mais populares e mais praticadas em todo o mundo - para ficar nesses exemplos de esportes com grande apelo popular, demanda uma cobertura ampla por parte dos meios de comunicação para que o público aficionado se sinta contemplado em suas expectativas, preocupações, inquietações e curiosidades sobre o esporte de sua predileção.

A popularidade também explica e justifica a cobertura jornalística dos esportes e, sobre esse aspecto reside, inclusive, o fato de alguns veículos de comunicação se dedicarem exclusivamente a determinadas modalidades e de nos últimos anos clubes, seleções e atletas terem canais exclusivos para a divulgação de seus jogos, histórias, biografias, carreiras, retrospectos, estatísticas, entre outros aspectos. Nesse sentido,

O grau de popularidade do esporte é realmente impressionante. Há mais afiliados à Federação Internacional de Futebol (Fifa) e ao Comitê

⁵ Sigla de *Ultimate Fighting Championship*, uma organização norte-americana de MMA (Mixed Martial Arts ou artes marciais mistas em português), cujas lutas misturam diferentes estilos, como o Jiu Jitsu, Boxe, Muay Thai, Karate, entre outros.

Olímpico Internacional (COI) do que à Organização das Nações Unidas (ONU). Essa difusão mundial tem forte relação com as características históricas do momento em que a prática se confirmou, o século XIX: o fortalecimento de um mercado global, o desenvolvimento de movimentos internacionais, a consolidação da ideia de Estado-Nação, a valorização dos espetáculos e dos momentos de lazer, entre outras dimensões (MELO, 2014, p. 35).

Quando se trata de programas esportivos, o contexto evidentemente se circunscreve ao rádio, à televisão e aos canais online, até porque a mídia impressa por razões óbvias não se enquadram nessa vertente. Assim, cronologicamente a cobertura dos esportes que no Brasil começou através dos jornais impressos no final do século XIX, começou a ganhar impulso e abrangência com o rádio na década de 1930 e com a televisão na década de 1950 após o advento pioneiro da TV Tupi (FACULDADE CÁSPER LÍBERO, 2013).

A evolução dos programas esportivos se deu simultaneamente ao crescimento do interesse pelos esportes por parte do público, em grande parte por conta da grandiosidade de competições internacionais como a Copa do Mundo realizada pela Federação Internacional de Futebol Association (FIFA) e as Olimpíadas realizadas pelo Comitê Olímpico Internacional. Em nível nacional, o campeonato brasileiro, os campeonatos estaduais de futebol e competições do Voleibol estão entre os eventos esportivos que despertam maiores interesses por parte do público (COELHO, 2004).

2.1 Os programas esportivos no rádio

De acordo com Edileuza Soares em *A bola no ar* (1994), o rádio foi o primeiro grande veículo de comunicação a popularizar de fato a cobertura esportiva. Antes das emissoras de rádio e seus informativos, noticiários e programas, cabia à mídia impressa a divulgação das notícias do âmbito esportivo, mas sem a repercussão causada pelas vozes eletrônicas dos locutores radiofônicos e sem a abrangência atingida pelas ondas eletromagnéticas em amplitude, cujo alcance atingia em cheio as camadas populares e contribuiu para a massificação das notícias e popularização das modalidades com as quais as camadas populares se identificavam, especialmente o futebol.

A Rádio Nacional, segundo Saroldi e Moreira (2005), foi a primeira “aldeia Global” da comunicação brasileira, com uma grande rede de emissoras espalhadas por todo o país a partir do Estado Novo varguista (1937-1945), apesar de ter sido criada antes desse período. Em 1938, no entanto, o governo federal encampou a Rádio Nacional do Rio de Janeiro e, a

partir dela, montou-se a rede estatal de emissoras de rádio subordinadas ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Pouco antes disso, a rede de comunicação do grupo Diários Associados já havia sido estruturada, mas sob a égide da iniciativa privada, pelas mãos de Assis Chateaubriand. O grupo Diários Associados era composto, além das emissoras de rádio, por jornais impressos, periódicos e uma rede de televisão - a partir de 1950 (DIÁRIOS ASSOCIADOS, 2013).

Programas de sucesso como Show de Rádio (Jovem Pan), No Mundo da Bola e Show de Bola Nacional com o quadro Era Uma Vez No Futebol (Rádio Nacional), Gazeta Esportiva (Gazeta), Band Esporte (Band), Globo Esportivo (/Rádio Globo) Na Geral (Rádio Bandeirantes), Galera Gol (Rádio Transamérica) Quatro em Campo (Rádio CBN), entre outros que há mais de oito décadas que se passaram desde os primórdios das programações esportivas no rádio até o período atual, comandaram a audiência e apontaram tendências para os seus congêneres, passando a ditar o processo de produção, redação e apresentação das atrações esportivas no rádio em todo o país, além de revelarem e consagrarem grandes profissionais da crônica esportiva, com destaque para Waldir Amaral, Jorge Cury, Fiori Giglioti, José Carlos Araújo, Loureiro Neto, Mário Viana, Osmar Santos, Luís Mendes, Washington Rodrigues, Denis Menezes, Heraldo Leite, Fausto Silva, Kleber Leite, Milton Neves, Edson Mauro, Ely Coímbra, José Luiz Datena, entre outros.

2.2 Os programas esportivos na televisão

Num contexto bastante semelhante, guardadas algumas nuances especificamente relacionadas às características do rádio e da televisão, os programas esportivos que iniciaram na televisão em meados dos anos 1950 foram evidentemente influenciados pela forma como seus similares radiofônicos eram produzidos e apresentados, até com que a programação esportiva na televisão ganhasse identidade própria e passasse a dividir a audiência e pontuar com destaque no horário nobre dos finais de semana de algumas emissoras.

A começar da pioneira TV Tupi, passando pelas transformações processadas na cobertura do jornalismo e dos esportes pela Rede Globo a partir da década de 1960, até as últimas três décadas com o advento da TV por assinatura (a transmissão pelo conhecido método Pay-per-view), o telejornalismo esportivo foi ampliando seus espaços a ponto de na atualidade milhões de domicílios serem contemplados com o sinal dos canais por assinatura, principalmente os canais do sistema de canais SKY (GROLL, 2016).

Entre os principais programas esportivos veiculados na televisão brasileira em diferentes canais, sendo que alguns deles ainda se encontram no ar e mantendo os níveis de audiência, merecem destaque na TV aberta o Globo Esporte e Esporte Espetacular (Rede Globo), Esporte Total, Show do Esporte, Terceiro Tempo e Super Técnico (Band), Manchete Esportiva (Manchete), Cartão Verde e Grandes Momentos do Esporte (Cultura), Esporte Record e Record Espetacular (Record), entre outros; e, na TV por assinatura o Redação Sportv, Seleção Sportv, Bem Amigos e Sportv Repórter (Sportv Globo), Sports Center, Resenha ESPN (ESPN), Fim de Papo e Noite dos Craques (Esporte Interativo), Central Fox, Tabela Fox Sports e A Última Palavra (Fox Sports), Bandsports On-Line e Ace Bandsports (Band Sports), entre outros, chamam para si as atenções e lideram a audiência entre o público do esporte (UOL ESPORTE, 2017).

No tocante aos âncoras, apresentadores, analistas e comentaristas pontuaram e pontuam profissionais como Léo Batista, Luciano do Valle, Galvão Bueno, Sílvio Luís, Juarez Soares, Armando Nogueira, João Saldanha, Fernando Vanucci, Cléber Machado, Paulo Stein, Luís Roberto de Muccio, Paulo César Vasconcelos, Marcelo Barreto, André Rizek, Paulo Vinícius Coelho, Juca Kfoury, Osmar de Oliveira, Mauro Beting, Milton Neves, Jorge Kajuru, Sidney Garambone, Tostão, Arnaldo César Coelho, José Trajano, Flávio Prado, Nivaldo Prieto, Roberto Avallone, Márcio Canuto, Tim Vickery, Xico Sá, Caio Ribeiro, Bob Faria, Rembrandt Jr., José Luís Datena, Ulisses Neto, Tino Marcos, Tiago Leifert, Neto, Edmundo Souza Sette, Leovegildo Júnior, Rivelino, Zico, Alberto Helena Jr., Marco Antônio Rodrigues, Luiz Ceará, Muricy Ramalho, Walter Casagrande Jr., Ivan Moré, Juninho Pernambucano, Mylena Ciribelli, Glenda Koslowsk, Fernanda Gentil, Carol Barcellos, entre outros.

CAPÍTULO III

A INFLUÊNCIA DOS PROGRAMAS GLOBO ESPORTE E ESPORTE ESPETACULAR SOBRE O TELEJORNALISMO BRASILEIRO

Criada no Rio de Janeiro em 26 de abril de 1965, no Rio de Janeiro, e ancorada no pioneirismo da TV Tupi, a TV Globo em pouco tempo foi se transformando num fenômeno comunicacional e de audiência a ponto de abocanhar a maior audiência do país já no quinto ano de operacionalização e ser incluída, nos anos 1970 e 1980, no rol das cinco maiores redes de televisão do mundo, já estando consagrada como a maior do Brasil e da América Latina, enquanto a pioneira Tupi de Chateaubriand agonizava sob a égide autoritária do regime militar instaurado em 1964. A concessão do canal 4, entretanto, foi feita em 1957 no governo de Juscelino Kubitschek (1956-1961), mas foi somente cinco anos depois que um dos grandes grupos de comunicação dos EUA, o *Time-Life*⁶, em seu processo de expansão planetária, vinha estendendo seus canais pela América latina, aportando no Brasil depois de ter fixado núcleos em países como a Venezuela e a Argentina, para trabalhar junto aos eixos do poder político e econômico as suas “esferas de influência”. Depois de driblar os entraves constitucionais e obstáculos burocráticos, a junção da gigante norte-americana com a então embrionária rede de televisão brasileira pôde ser materializada e teve início um reinado nas comunicações que transcende os limites nacionais e exerce enorme influência na política, na cultura e na base comportamental da sociedade brasileira desde sua fundação até os dias atuais (PRIOLLI, 1985).

3.1 Programa Globo Esporte

No dia 14 de agosto de 1978, em seu processo de expansão e massificação de sua cobertura na seara dos esportes, a Rede Globo colocou no ar pela primeira vez um dos principais programas esportivos de sua grade e que ainda permanece sólido e imbatível em termos de audiência, ainda que decorridas quatro décadas de sua entrada no ar: o Globo Esporte. Apresentado de 12h50 às 13h20, o programa em sua essência sempre procurou combinar informação de qualidade e com credibilidade com o entretenimento e cuja pauta traz

⁶ A Rede Globo encerrou o contrato com a *Time-Life* em julho de 1971, cinco anos após sua inauguração, ressarcindo a empresa norte-americana graças a empréstimos contraídos junto a bancos nacionais e podendo então assumir sozinha a condução de seu processo de operacionalização.

notícias resumidas a respeito de jogos, clubes, atletas, torcidas e de diferentes curiosidades e peculiaridades do universo dos esportes.

Inicialmente, o programa cobria os certames estaduais e o campeonato brasileiro e reportagens sobre as diversas modalidades esportivas, além do perfil de diferentes desportistas. Com o passar do tempo e a consequente e evidente evolução do programa, os esportes amadores foram ganhando maior visibilidade e espaço nas edições com a cobertura de suas competições de acordo com o interesse dos telespectadores. O Globo Esporte era transmitido no formato diário, de segunda à sexta-feira, porém, a partir de 1983, o sábado passou a compor o roteiro dos dias em que o programa era, e ainda é exibido.

Nos primeiros anos o programa contou na equipe de criação e redação com o talento de profissionais renomados e de reconhecida competência como Michel Laurence, Hedyl Valle Jr., Luiz Nascimento, José Trajano e Armando Nogueira (que até 1989 respondia pela direção geral de jornalismo da Rede Globo e foi um dos idealizadores do Jornal Nacional, principal atração do telejornalismo global); os primeiros apresentadores Léo Batista e Fernando Vanucci (dupla original de apresentadores) se alternando nessa função. Posteriormente, Mylena Ciribelli apresentou o programa entre 1991 e 2007, revezando-se com os dois pioneiros e Isabela Scalabrini que já apresentava o programa aos sábados a partir de 1987. A partir da saída de Mylena Ciribelli, outros apresentadores passaram a ocupar a bancada do GE como Glenda Koslowsk, Cris Dias, Carol Barcellos, Fernanda Gentil, Alex Escobar, Tiago Leifert, Ivan Moré, entre outros.

No primeiro time de repórteres, sob a direção de Ciro José, pontuaram grandes nomes como Raul Quadros, Juarez Soares, Luciano do Valle, Gil Rocha, Reginaldo Leme (especialista em automobilismo e motovelocidade), José Regal, José Hawilla, Oscar Eurico e a partir da década de 1980, despontaram repórteres de grade talento como Márcio Canuty, Tino Marcos, Marcos Uchôa, Abel Neto, Mauro Naves, Clayton Conservani, entre outros. Um dos maiores exemplos de ascensão no jornalismo esportivo da Rede Globo foi, sem dúvida, Luiz Fernando Lima que de repórter na década de 1980, passou à direção geral de esportes da casa em 1996 e permaneceu até 2012, e Sidney Garambone, que também fora repórter e assumiu o cargo de editor chefe do jornalismo esportivo da emissora, em 2001 e inovou o jornalismo esportivo da emissora e dos canais SporTV.

O jornalista Sidney Garambone⁷ assumiu o cargo de editor-chefe em 2001 e promoveu uma série de mudanças no programa. A novidade nesse ano foi o

⁷ Grifo do portal Memória Globo.

lançamento da página do *Globo Esporte* na internet, permitindo ao internauta acessar matérias, responder enquetes, dar sugestões e ainda participar de conversas com jornalistas. (PORTAL MEMÓRIA GLOBO, 2017).

A partir de 2009, o formato do programa passou por uma mudança sensível na linguagem e na forma de apresentação graças ao jornalista Tiago Leifert, que ao se tornar editor-chefe e principal apresentador, aboliu o uso do *teleprompter* e deu maior naturalidade e fortalecendo o entretenimento, diversão e oxigenando a audiência e a popularidade do programa a partir do Globo Esporte apresentado para São Paulo e que serviu de modelo para a edição nacional do programa.

3.2 Programa Esporte Espetacular

Criado em 1973 no formato semanal que mantém até o período atual, com alternâncias nos dias e horários – diferentemente do Globo Esporte que ao longo de quatro décadas apenas acrescentou o sábado no seu roteiro de veiculações a partir de 1983 -, o Esporte Espetacular (EE) chegou inclusive a ficar fora do ar em meados da década de 1980 para depois retornar e não deixar mais de constar na grade de programação do jornalismo esportivo global. Podendo ser considerado como um prolongamento do Globo Esporte e reunir numa única edição o resumo dos acontecimentos esportivos de uma semana inteira no Brasil e no mundo num espaço de tempo mais prolongado e ser intercalado por transmissões ao vivo das etapas do mundial de Fórmula 1, esse programa tornou-se mais do que uma revista, consagrando-se como verdadeiro almanaque esportivo que condensa uma gama de informações sobre as mais diversas modalidades esportivas.

Dentre as atrações do telejornalismo esportivo da programação global, o EE é o mais antigo da Rede Globo com um intervalo de quatro anos entre a primeira e a segunda fase. O horário de veiculação se estende de 9h30 até 12h30, podendo se prolongar nos casos em que a emissora utiliza parte do tempo do programa para a transmissão das corridas de Fórmula 1, ou excepcionalmente outro evento esportivo ou não. A estreia do programa se deu no dia 08 de dezembro de 1973 e sua primeira etapa estendeu-se até 22 de março de 1983; a segunda fase teve início em 22 de março de 1987 e permanece no ar até o período atual. Apesar de ter sofrido alterações, o formato do programa é caracterizado pela dinâmica na combinação entre a informação e o entretenimento, afigurando-se como uma revista eletrônica que faz o balanço da semana nos esportes no Brasil e no mundo, além de reportagens especiais tendo como pauta assuntos de diferentes modalidades esportivas.

Esporte Espetacular é o mais antigo programa esportivo da TV Globo no ar. Estreou com o objetivo de abrir espaço na televisão para as diversas modalidades esportivas, numa época em que o futebol predominava nos noticiários. Atualmente, com um formato leve e dinâmico, o programa acompanha a história dos atletas, bastidores, melhores momentos e os recordes mundiais conquistados em diferentes competições no Brasil e no exterior (PORTAL MEMÓRIA GLOBO, 2017).

Alicerçando-se inicialmente em material comprado junto a emissoras estrangeiras, sobretudo norte-americanas, cujo conteúdo referia-se a esportes que não eram muito conhecidos dos telespectadores brasileiros, sendo que algumas modalidades – como as praticadas no gelo – sequer eram praticadas – por razões óbvias – no Brasil. O programa também exibia coisas bizarras como competições cuja principal característica era a batida de carros.

No início, o *Esporte Espetacular* apresentava, na íntegra ou de forma parcial, eventos esportivos comprados do programa *Wide World of Sports*, da rede norte-americana ABC. Dessa forma, o programa acabava exibindo esportes pouco populares no Brasil, como patinação no gelo, esqui e pólo, além de competições que não contavam com a participação de atletas brasileiros, como um campeonato norte-americano de cama elástica, o rodeio Buffalo Bill, nos Estados Unidos, ou ainda o campeonato mundial de Derby Demolição, no qual os carros deviam resistir ao maior número de batidas possíveis. O programa acompanhava também corridas de arrancada e campeonatos de queda de braço (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

A equipe pioneira de profissionais entre apresentadores, repórteres, redatores e diretores reuniu profissionais do porte de Léo Batista, Ciro José, Juarez Soares, Luciano do Valle, Teti Alfonso, Ciro José, Myriam de Lamare, Waldir Mendes, Tércio de Lima, José Luiz Furtado, Milton Collen, entre outros, sob a batuta do jornalista Ruy Viotti. Nas últimas duas décadas pontuaram entre os profissionais envolvidos no programa Fernando Vanucci, Sérgio Ewérton, Isabela Scalabrini, Mylena Ciribelli, Maurício Torres, Luís Ernesto Lacombe, Glenda Kozlowski, Dani Monteiro, Tande (ex-atleta de vôlei), Fernanda Gentil, Ivan Moré, Flávio Canto (ex-atleta de judô), Felipe Andreoli, além dos repórteres já citados na equipe do Globo Esporte e outros profissionais reconhecidamente competentes do telejornalismo esportivo.

O *Esporte Espetacular* nem sempre adotou a informalidade que o caracterizaria mais tarde. Nos primeiros anos, o apresentador usava terno e gravata e se expressava numa linguagem bastante formal. [...] Na década de 1970, os investimentos da emissora na reportagem esportiva eram precários.

Em algumas transmissões, por exemplo, era mantida, ao fundo da fala do apresentador, a locução em inglês do narrador original (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

De acordo com o portal Memória Globo (2017), após as mudanças significativas preconizadas e efetivadas por Tiago Leifert no formato de edição e apresentação do Globo Esporte, a Central Globo de Jornalismo estendeu as alterações para toda a grade de programação da rede e, dois anos depois, foi inaugurado um novo estúdio destinado exclusivamente aos programas esportivos da casa. Para tanto, fez do ato inaugural um grande acontecimento justamente na apresentação do Esporte Espetacular, em edição especial, na qual os âncoras Glenda Kozlowski, Luís Ernesto Lacombe e Luciana Ávila interagiram com “Alex Escobar, Cristiane Dias, Tiago Leifert e Léo Batista do *Globo Esporte*, Caio Ribeiro do *Central da Copa* e Tande do *Corujão* para dividir a apresentação do programa e juntos” (MEMÓRIA GLOBO, 2017), fizeram a transição para a transmissão de um amistoso da seleção brasileira com o narrador Galvão Bueno e os comentaristas Paulo Roberto Falcão e Arnaldo César Coelho (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

O novo cenário tem por característica básica a adaptação a qualquer programa ou transmissão da emissora e, embora tenha uma padronização visual definida, foi projetado com o objetivo de “ênfatar a interatividade e a mobilidade” que passaram a caracterizar os programas esportivos da Globo dentro do novo formato e da linguagem que passariam a autá-los passou a ter design em “tons cromados, que ressaltam a tecnologia e remetem à ideia de modernidade. As linhas são neutras e lembram silhuetas de estádios e instalações esportivas”, (MEMÓRIA GLOBO, 2017). O cenário se adapta a qualquer tipo de transmissão e, apesar de ter a mesma identidade visual, respeita as especificidades e características de cada atração. O programa ganhou recursos como mesa holográfica através da qual “imagens 3D saltam da mesa e interagem com os apresentadores” e muitas das inovações e adaptações foram introduzidas a partir do momento em que o experiente jornalista Sidney Garambone assumiu o posto de editor-chefe dos programas de esportes da Rede Globo e dos canais SporTV (MEMÓRIA GLOBO, 2017).

CAPÍTULO IV

ESTUDO DE CASO

4.1 Globo Esporte

A abertura do Globo Esporte desde o começo do programa sempre esteve a cargo do designer gráfico do alemão Hans Donner, que entrou para a emissora em 1974 e ao longo dos 40 anos do GE e 14 aberturas de sua lavra, sempre inovou nas mudanças estético-visuais seguindo as tendências apontadas pelas evoluções tecnológicas, sendo por isso um dos profissionais mais premiados de sua área; a trilha instrumental de abertura do GE tem duração de 10 segundos e os intervalos do programa são pontuados por variações da mesma; O uso de bancadas foi o recurso original de cenário desde a criação do programa, em 1978; as bancadas foram abolidas a partir dos anos 2000 com o propósito de dar maior mobilidade para os apresentadores/âncoras durante a condução dos programas. Com as bancadas a apresentação era mais séria e formal, sem o aditivo da desconstrução que passou a caracterizar o programa a partir de 2001, quando Sidney Garambone assumia a chefia da editoria de esporte e introduziu uma série de inovações que modificaram o caráter e a audiência do programa.

Com as bancadas a linguagem caracterizava pelo formalismo, pela variedade vocabular e pelo rigor gramatical, e no tocante ao aspecto visual, os cenários eram também muito sóbrios e sem dinâmica nas cores, além disso, os apresentadores nos primeiros anos iam ao ar de terno e gravata e lendo as notícias através do *teleprompter*. Com a evolução da comunicação a partir da era da globalização e das transformações tecnológicas dela decorrentes, não somente o jornalismo esportivo, mas toda a programação da Rede Globo passou por profundas reformulações.

A partir do final da década de 1980 e por todos os períodos seguintes, o Globo Esporte foi se tornando mais despojado, espontâneo e cada vez mais despido de formalismos. A linguagem antes impregnada de critérios de ordem gramatical e padronizações linguísticas foi gradualmente aderindo ao coloquialismo e chegando ao ponto de dispensar o *teleprompter* por obra de Tiago Leifert quando em 2008, tornou-se editor-chefe e apresentador do Globo Esporte transmitido para a cidade de São Paulo, apenas quatro meses após sua contratação como repórter para o setor de esportes da emissora. A redação dos programas também foi sendo modificada e tornou-se mais leve, simples, espontânea, direta e sem rodeios e, a partir dos anos 2000 o emprego do humor em doses moderadas e sem exageros e preciosismos

tornou-se uma constante nas apresentações do GE e das outras atrações esportivas da Rede Globo.

O programa permanece com a mesma quantidade de blocos, ou seja, três no total, sendo dois com notícias nacionais e internacionais e um dedicado ao esporte local editado pelas diversas praças espalhadas por todo o território nacional e cuja produção e apresentação ficam a cargo de profissionais pertencentes aos quadros dessas sucursais. No Amapá, a TV Amapá, canal 6, emissora afiliada à Rede Amazônia de Televisão e, conseqüentemente à Rede Globo, passou a ter a edição local do Globo Esporte a partir de meados da década de 1990.

Em São Paulo, particularmente, existem algumas especificidades referentes à tradição de alguns clubes do interior, como é o caso de Campinas, que possui bloco local próprio em função da tradição e da rivalidade histórica entre a Associação Atlética Ponte Preta e o Guarani Futebol Clube, respectivamente a “Macaca” e o “Bugre”, que dividem a preferência entre os torcedores campineiros.

As mudanças no cenário começaram a partir de 2001 e se seguiram em 2008 (ano do 30º aniversário do programa), 2011 e 2012 ocorridas sob o comando do diretor de arte Delfim Fujiwara. Essas mudanças sempre levaram em consideração a atualização do aspecto visual e dar maior mobilidade, agilidade, espontaneidade e descontração aos apresentadores. Com a ampliação dos espaços nos estúdios de apresentação, a câmeras passaram a explorar novos ângulos e os apresentadores passaram a caminhar pelo estúdio e explorar as expressões de rosto e os recursos gestuais graças em grande parte à abolição do *teleprompter*.

A inserção das mulheres na condução do programa teve início com Isabela Scalabrini que na década de 1980 apresentava o programa aos sábados. A partir dos anos 1990 a participação feminina na bancada tornou-se mais frequente e intensa e profissionais como Mylena Ciribelli, Glenda Koslowski, Cristiane Dias, Fernanda Gentil e Carol Barcellos passaram a ser presença constante no elenco de apresentadores e âncoras do programa.

No concernente ao número de anúncios nos intervalos do programa, são geralmente em número de quatro em média, sendo que os anunciantes são muitas vezes os mesmos das transmissões esportivas da Rede Globo, geralmente empresas multinacionais de refrigerantes e materiais esportivos, bancos, entre outros, alguns dos quais estão presentes desde o começo do programa, em 1978.



Logotipo do Globo Esporte 2018

Análise de Conteúdo

Análise de conteúdo dos programas Globo Esporte de 1986, 1999 e 2018 quanto às aberturas:

1986: Esta abertura mostrava imagens animadas, nas quais mostram: Boxe, Ginástica de argolas, Futebol, Remo, Vôlei, Natação, Tênis, Basquete e Automobilismo. No fim da abertura, um jogador dá um chute na bola que faz uma rápida mudança para a logomarca do programa. A parte instrumental ficou mais rápida, e é considerada a clássica do programa.

1999: A abertura mostra cenas de atletas elas são personalizadas em animação de cores num fundo azul celeste e que depois surge os espectadores. A trilha permanece a mesma desde 1981.

2018: Quase a mesma da anterior, nesta abertura mostra as várias cenas animadas parecidas com as de 1981 em fundos coloridos, no final elas aparecem em um fundo laranja e formam um logotipo parecido com o de 1998.

⁸ Extraído de:

https://www.google.com.br/search?q=logomarca+globo+esporte+2018&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwi_qiAh-PbAhWJPpAKHYIICOMQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=t8d05CKcKznLhM: - em 20/06/2018

Análise de conteúdo quanto o uso das bancadas

1986: Nesse período a presença da bancada era comum nos programas esportivos da Globo. Por tanto o apresentador tinha que ficar sentado de frente para a bancada de forma fixa sem poder fazer gestos e nem ficar em pé, isso passava um ar de seriedade, e falta de dinamismo e, também, percebe-se que as vestimentas do apresentador eram de acordo com a formalidade do programa (roupa social).



⁹Globo Esporte apresentado por Oliveira Andrade

1999: No final da década de 90, ainda era mantida as apresentações com a presença da bancada, porém os apresentadores já liam notícias com um leve sorriso no rosto e alguns gestos com os braços e, também, já havia interesse da emissora em retirá-la para dar dinamismo e interatividade no programa.

2018: Atualmente o programa é apresentado sem a presença de bancada e proporciona mais dinamismo e interatividade e possibilita ao apresentador explorar todo o cenário e também fazer mais gestos. A retirada da bancada e a questão da informalidade do programa proporcionou o uso de roupas mais despojadas pelos apresentadores.

Análise de conteúdo quanto a oralidade dos apresentadores

⁹ Extraído de:

https://www.google.com.br/search?q=globo+de+1986+oliveira+andrade&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiLnYfiOPbAhWijJAKHY61DdwQ_AUICigB&biw=1366&bih=662#imgrc=L91GgS6ttCiy2M – em 20/06/2018.

1986: A oralidade dos apresentadores era formal sem mudanças de tom na voz e de maneira uniforme.

1999: No final da década de 90, a linguagem nas apresentações ainda permanece formal de maneira objetiva sem piadas, trocadilhos e clichês, porém o apresentador sempre está com sorriso no rosto.

2018: Nota-se uma mudança na linguagem dos apresentadores em relação aos programas das décadas passadas principalmente com a inserção de piadas, clichês, jargões e trocadilhos tudo isso com a maior liberdade que os âncoras têm para improvisar a partir da retirada do teleprompter.

Análise de conteúdo quanto a evolução no tempo dos programas

1986: Não ocorreu mudança no tempo dos programas nesse período. Mas aconteceu a inserção de um dia a mais de programa que foi a inclusão do sábado a partir de 1983.

1999: Não houve alteração no tempo do programa nessa época.

2018: Também não teve mudança no tempo do programa.

Análise de conteúdo quanto a evolução da cobertura de imagens dos programas

1986: As imagens do cenário eram bem estáticas com poucas cores demonstrando seriedade e formalidade e em relação a quantidade de câmeras tem apenas uma filmando o âncora de frente mostrando só a parte superior do apresentador.

1999: O programa não se mostra tão formal em relação as imagens que já apresentam algumas variações de cores no cenário e também as imagens do plano de fundo mudam de acordo com as modificações das matérias que estão sendo noticiadas. E percebe-se que apenas uma câmera filma o âncora em todo o decorrer do programa.

2018: Na versão atual do Globo Esporte a tecnologia tomou conta do programa com muitas variações de cores no cenário, efeitos de luz e com designe futurista parecendo que a imagem do cenário está em movimento e também as câmeras pegam a âncora de planos e ângulos diferentes.



¹⁰ Cristiane Dias apresentadora do Globo Esporte versão nacional.



¹⁰ Extraído de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte.htm> - em: 20/06/2018.

BRASILEIRÃO SÉRIE A					
		P			P
1 ^o	FLAMENGO	23	11 ^o	AMÉRICA-MG	13
2 ^o	SPORT	18	12 ^o	BOTAFOGO	13
3 ^o	PALMEIRAS	17	13 ^o	VASCO	12
4 ^o	ATLÉTICO-MG	17	14 ^o	VITÓRIA	11
5 ^o	CRUZEIRO	17	15 ^o	SANTOS	11
6 ^o	SÃO PAULO	17	16 ^o	CHAPECOENSE	10
7 ^o	GRÊMIO	16	17 ^o	ATLÉTICO-PR	9
8 ^o	INTERNACIONAL	16	18 ^o	PARANÁ	9
9 ^o	CORINTHIANS	15	19 ^o	BAHIA	8
10 ^o	FLUMINENSE	14	20 ^o	CEARÁ	4

¹¹ Cristiane Dias apresentadora do Globo Esporte versão nacional.

Análise de conteúdo quanto a inserção da mulher nos referidos programas esportivos

1986: Nesse período ainda não havia mulheres como apresentadoras de programas esportivos na rede globo de televisão, apenas fazendo matérias e reportagens a exemplo de Isabella Scalabrini.

1999: Na década de 90 já tinham várias mulheres na reportagem do globo esporte e como âncora esporádica do programa era Isabella Scalabrini e como apresentadora fixa do programa versão nacional era Mylena Ciribelli.

2018: Dentre várias mulheres no jornalismo esportivo da rede globo de televisão Cris Dias âncora oficial da versão nacional do Globo Esporte se destaca pela sua irreverência, espontaneidade e interatividade.

Análise de conteúdo quanto a alteração na quantidade de intervalos e anúncios

1986: Os intervalos eram dois, de dois minutos e quinze segundos cada e variava a quantidade de anúncios em relação aos blocos, mas em média eram três.

1999: O programa teve dois intervalos com média de dois minutos cada e quatro anúncios de propaganda cada um.

¹¹ Extraído de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte.htm> - em: 20/06/2018.

2018: A atual versão do Globo Esporte tem dois intervalos também com média de dois minutos cada.

4.2 Esporte Espetacular

A abertura do Esporte Espetacular tem até hoje a trilha instrumental original, contudo, na década de 1990 outras trilhas também instrumentais foram introduzidas, mas a partir de 1994, quando o Brasil conquistou o tetracampeonato da Copa do Mundo, nos EUA, a trilha original foi reintroduzida a partir dessa conquista e permanece até o período atual, já decorridos duas décadas e meia. Quanto à parte visual da abertura, assim como o Globo Esporte, o EE também teve várias versões, sendo que as mais impactantes são aquelas produzidas pelo talento de Hans Donner, considerado o “mago” das aberturas globais que somente não criou a abertura original, produzida em 1973, um ano antes de sua ida para a Rede Globo

Assim como o GE, o Esporte Espetacular também aboliu o uso de bancadas a partir dos anos 2000, pelos mesmos motivos de seu congênere dentro da emissora, ou seja, romper com o formalismo e a imobilidade, e atribuir maior desenvoltura, leveza e espontaneidade à apresentação do programa. O visual também evoluiu do paletó e gravata para um visual mais informal, seguindo as tendências da moda e permitindo aos apresentadores e repórteres maior conforto e simplicidade.

Os textos do programa eram permeados de rigores gramaticais e riqueza vocabular e as notícias eram divulgadas nas bancadas com a leitura via *teleprompter* e de frente para uma única câmera. A partir da década de 1980 os textos foram se tornando mais leves, despojados de rigores e ilustrados com doses de humor sem exageros e sensacionalismo, como se verifica em muitos programas esportivos de outras redes de televisão brasileiras. O número de câmeras também aumentou e as tomadas se tornaram mais dinâmicas, acompanhando toda a movimentação dos apresentadores que ao se libertarem da imobilidade das bancadas, passaram a caminhar pelo estúdio em meio à divulgação das notícias e chamadas de matérias.

Diferentemente do GE, o EE passou por várias mudanças de dia, horário e tempo de apresentação. Embora seja um programa tradicionalmente ligado ao domingo esportivo, já foi apresentado no sábado à tarde (de 14h00 às 16h00) e no domingo à noite, após o *Fantástico*. A partir dos anos 1990, o programa voltou aos domingos e permanece até o período atual, de 09h30 às 12h00, variando o tempo de duração em função de transmissões esportivas como as corridas de Fórmula 1 que não raro, transcorrem durante o tempo de apresentação do

programa, reduzindo-lhe significativamente a possibilidade de veiculação de todo o conteúdo produzido e com algumas matérias sendo adiadas para o domingo seguinte.

As mulheres foram sendo gradativamente inseridas no programa, inicialmente nas reportagens na década de 1980, com isabela Scalabrini e Glória Maria (em reportagens especiais) e posteriormente na apresentação do programa com as mesmas profissionais que atuam no Globo Esporte. Nas últimas duas décadas a apresentação vem sendo feita por duplas, sendo que os titulares da apresentação atualmente são Fernanda Gentil e Felipe Andreoli.

Quanto aos anunciantes do programa e que expõem seus produtos e serviços nos intervalos, são praticamente os mesmos do GE com algumas exceções, em média de quatro a cinco empreendimentos e com predominância de marcas de refrigerantes e artigos esportivos fabricados por empresas multinacionais.



¹² Logotipo do Esporte Espetacular 2018

¹² Extraído de: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte.htm> - em: 20/06/2018.

Análise de conteúdo dos programas Esporte Espetacular de 1988, 2005 e 2018 quanto as aberturas:

1988: A abertura do programa teve um novo arranjo musical (que é atualmente executado nas chamadas), os atletas foram modificados por desenhos animados demonstrando diversas modalidades. E no final, aparece o logotipo na cor verde com o nome do programa.

2005: Nessa abertura, a música tema foi modificada, os atletas também mudaram novamente nos fundos azuis e fundo verde. A vinheta foi movida para o logotipo no fim e adicionado o globo de vidro.

2018: Essa abertura, logomarca e atletas foram mudados no fundo preto e cinza. No fim, o logotipo de 81 foi modificado com três tons diferentes de verde e o arranjo também mudou.

Análise de conteúdo quanto o uso das bancadas

1988: A bancada era normal nos programas esportivos da Globo. Por tanto no caso do Esporte Espetacular os dois apresentadores tinham que ficar sentados de frente para a bancada de forma fixa sem poder fazer gestos e nem ficar em pé, isso passava um ar de seriedade, e falta de dinamismo e também nota-se que as roupas dos apresentadores são de acordo com a formalidade do programa.

2005: Na metade da década de 2000 não tinha mais a presença da bancada para apoiar os braços no E.E., porém percebe-se a presença de um banco na qual os apresentadores Ernesto Lacombe e Eliani Oliveira iniciavam os programas sentados nele e liam as notícias no teleprompter com um leve sorriso no rosto e algumas gesticulações com os braços.

2018: Atualmente o programa é apresentado sem a presença de bancada e proporciona mais dinamismo e interatividade e possibilita que os dois apresentadores Felipe Andreolli e Fernanda Gentil, se movimentem e explorem todo o cenário e, também, façam mais gestos. Portanto, a retirada da bancada e a questão da informalidade do programa proporcionou o uso de roupas mais despojadas pelos apresentadores.

Análise de conteúdo quanto a oralidade dos apresentadores

1988: A oralidade dos apresentadores Sergio Ewerthon e Fernando Vanucci era objetiva e sem piadas, clichês, bordões e trocadilhos, porém a formalidade não era rígida.

2005: Nesse período a linguagem nas apresentações já era livre da formalidade das primeiras décadas do programa, porém ao âncoras ainda não tinham a liberdade do improviso e repassavam as notícias de maneira ainda de forma objetiva sem piadas, trocadilhos e clichês, porém o apresentador sempre estava com sorriso no rosto e podia fazer gestos.

2018: Nota-se uma mudança na linguagem dos apresentadores em relação aos programas das décadas passadas principalmente com a inserção de piadinhas, clichês, jargões e trocadilhos tudo isso com maior liberdade para os âncoras e para improvisar a partir da retirada do teleprompter.

Análise de conteúdo quanto a evolução no tempo dos programas

1988: Nesse período o programa tinha em média uma hora de duração.

2005: Na metade da década de 2000 o EE tinha em média três horas de programa.

2018: Atualmente o programa mantêm as três horas de duração.

Análise de conteúdo quanto a evolução da cobertura de imagens dos programas

1988: As imagens do cenário eram bem estáticas com poucas cores demonstrando seriedade e formalidade e em relação a quantidade de câmeras: tem pelo menos duas que filmam os âncoras de frente de forma intercaladas eles não aparecem nenhuma vez juntos e só mostra a parte superior dos apresentadores.

2005: O programa não se mostra tão formal quanto as imagens que já apresentam algumas variações de cores no cenário e também o plano de fundo muda de acordo com as modificações das matérias que estão sendo noticiadas. E nota-se que tem mais de uma câmera que filmam os âncoras em todo o decorrer do programa. No início do EE ambos apresentadores aparecem em um mesmo enquadramento posteriormente aparecem intercalados de acordo com que vão chamando as reportagens.

2018: Na versão atual do Esporte Espetacular a tecnologia tomou conta do programa com muitas variações de cores no cenário, efeitos de luzes e com designe futurista parecendo que a imagem do cenário está em movimento e também as câmeras pegam os âncora de planos e ângulos diferentes. Eles aparecem diversas vezes juntos num mesmo enquadramento, porém quando vão chamar as reportagens aparecem sozinhos no enquadramento.

Análise de conteúdo quanto a alteração na quantidade de intervalos e anúncios

1988: Os intervalos eram três de dois minutos e quinze segundos cada e variavam a quantidade de anúncios em relação aos blocos, mas em média eram três.

2005: O programa teve quatro intervalos com média de três minutos cada e quatro anúncios de propaganda cada um.

2018: A atual versão do Esporte Espetacular têm cinco intervalos de três minutos em média com média de cinco anúncios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo começado timidamente nas primeiras décadas do século XX, a imprensa esportiva no Brasil foi gradativamente ampliando os horizontes de sua atuação e evoluindo junto com as modalidades esportivas cujas coberturas eram realizadas de forma rudimentar e até mesmo artesanal. Pode-se afirmar que o jornalismo esportivo cresceu, se afirmou e se consolidou quase que simultaneamente à evolução do futebol em seu roteiro de expansão, disseminação e consagração como o esporte mais popular do país e de todo o planeta.

Das primeiras notícias e manchetes da mídia impressa, destinadas aos esportes praticados pelas camadas mais ricas da população como o turfe, o remo e o tênis, passando pelas primeiras transmissões futebolísticas dos certames estaduais de futebol e outras modalidades como o basquete e o vôlei, até chegar ao contexto das grandes competições desportivas como a Copa do Mundo de Futebol, os mundiais de diversas modalidades e os jogos olímpicos (Olimpíadas) e no Brasil, o Campeonato Brasileiro de Futebol, o Brasileirão, o Novo Basquete Brasil (NBB) e a Liga Nacional de Vôlei, entre outros certames.

É inegável a importância da imprensa esportiva para o crescimento dos esportes em todo o planeta, mas no Brasil, sobretudo, foi essa vertente midiática que contribuiu para o aumento do fanatismo e das paixões exacerbadas nos esportes, especialmente no futebol, graças aos esquemas de publicidade e divulgação utilizados na promoção de clubes, jogos, rivalidades, torcidas, ídolos e demais simbologias que permeiam o universo futebolístico, mas que também se estendem para outras modalidades como ocorreu com o vôlei, para ficar particularmente nesse exemplo que fez do voleibol o segundo esporte mais popular do país e o maior detentor de títulos internacionais entre os esportes coletivos.

Através de programas como o Globo Esporte e Esporte Espetacular foram estabelecidos marcos divisores na redação, produção, apresentação, cenário e linguagem dos programas televisivos especificamente voltados para os esportes. Surgidos, respectivamente, em 1973 e 1978, o Esporte Espetacular e o Globo Esporte inauguraram uma forma de apresentação que inicialmente foi pautada pela fórmula tradicional até então vigente na televisão brasileira, com uma linguagem formal e uma base vocabular um tanto rebuscada e linear na leitura textual e cronológica em relação a realização de eventos desportivos; de forma gradual e gradativa, o formato foi sendo aperfeiçoado com base em adaptações ao contexto linguístico e tecnológico de cada época a partir do final dos anos 1970.

Distintos quanto ao formato de veiculação e ao tempo de duração, esses programas foram lançando novas tendências e influenciando as atrações congêneres exibidas por outras

emissoras, à exceção da Rede Bandeirantes (atual BAND) que desde 1983 sob a direção de Luciano do Valle, estabeleceu um padrão e linguagem próprios, além de dedicarem espaços significativos em sua programação à cobertura de uma infinidade de modalidades a ponto de se tornar popularmente conhecida como “o canal do esporte”. As demais emissoras e programas, foram quase que via de regra acompanhando as movimentações e inovações operacionais e tecnológicas advindas do padrão global via Globo Esporte e Esporte Espetacular.

Dentre as diversas inovações introduzidas na apresentação desses programas, o emprego do humor pode ser considerado senão a mais impactante, mas certamente a mais improvável e inusitada, na medida em que desarticulou os padrões, rigores e regras técnicas, linguísticas, comportamentais, áudios-visuais, entre outros fatores que caracterizavam o modo de produzir programas esportivos na televisão brasileira. O uso de gírias, o visual despojado, a linguagem informal, a postura descontraída, a dispensa do teleprompter - a partir de Tiago Leifert -, a edição de imagens sem as enfadonhas sequências cronológicas, os recortes temporais, a interatividade, a participação do público, matérias e quadros ao vivo, além de outras mudanças revolucionaram o telejornalismo esportivo brasileiro, apontando novas tendências e alcançando picos de audiência em nível nacional.

O modelo utilizado na produção do Globo Esporte e no Esporte Espetacular tem sido objeto de estudo de várias investigações e trabalhos acadêmico-científicos e estudos de caso por parte de estudantes de comunicação e jornalismo, sendo que o padrão global de jornalismo esportivo e as coberturas realizadas pelos profissionais dessa rede se mostram como os mais eficazes e de melhor qualidade a ponto de as transmissões esportivas por ela veiculadas serem um atestado de qualidade do jornalismo e da televisão brasileira e por isso a Globo é incluída no rol das cinco maiores empresas de comunicação do mundo.

REFERÊNCIAS

BRETONES, Marcos J. A. *Redação Sportv: uma experiência de jornalismo esportivo crítico*. Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais Aplicadas. Centro Universitário de Brasília - UNICEUB. Curso de Comunicação Social. Habilitação: Jornalismo. Área: Esporte. Brasília. Jun-2010. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1087/2/20654435.pdf>>. Acesso: 12Mai2018.

CALABRE, Lia. *A era do rádio*. Col. Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge ahar Editora, 2005.

CAMPOS, Claudinei José G. *Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde*. Ver. Bras. Enfermagem. Brasília. DF. 2004. Set/out; 57(5):611-4. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reben/v57n5/a19v57n5.pdf>>. Acesso: 10Mai2018.

CARDOSO, Letycia M. *O humor no telejornalismo: a espetacularização da notícia*. – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação – Intercom. XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste – Vila Velha - ES – 22 a 24/05/2014. Universidade Federal de Juiz de Fora. MG. 2014. Disponível em: <<http://docplayer.com.br/20469731-O-humor-no-telejornalismo-a-espetacularizacao-da-noticia-1.html>>. Acesso em: 13Mai2018.

COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.

DIÁRIOS ASSOCIADOS. *Memória Diários Associados*. 2008. Disponível em: http://www.diariosassociados.com.br/home/conteudo.php?co_pagina=45&co_menu=2&PHPSESSID=f4fd18f4e498f85ba7f9df96dd7a0331>. Acesso: 15Mai2018.

FACULDADE CÁSPER LÍBERO. *Jornalismo Esportivo*. 2013. Laboratório de Comunicação. Cursos Extracurriculares. São Paulo : Faculdade Cásper Líbero, 2013.

GONÇALVES, Michelli Cristina A. *A história (re) contada através da literatura*. Universidade de Campinas (UNICAMP). 2005. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2005/resumos/r1815-2.pdf>>. Acesso: 12Mai2018.

GODOY, A. S. (1995). *pesquisa qualitativa tipos fundamentais*. *Revista de Administração de Empresas*, 29.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. *Métodos de Pesquisa*. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>

IG ESPORTE. *Futebol: Saiba tudo sobre a história dos principais times do Brasil*.

25.09.2008. Disponível em:

<http://esporte.ig.com.br/futebol/2008/09/25/saiba_tudo_sobre_a_historia_dos_principais_times_do_brasil_1870921.html>. Acesso: 13Mai2018.

LAKATOS, Eva Maria ; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 5ª edição - São Paulo : Atlas 2003.

LIMA, João Paulo Cavalcante, et al. *Estudos de caso e sua aplicação: Proposta de um esquema teórico para pesquisas no campo da contabilidade*. Ribeirão Preto: 2012.

<https://www.revistas.usp.br/rco/article/viewFile/45403/49015>

MELO, Victor A. *Futebol, lazer e práticas lúdicas*. Artigos. Futebol. Ciência e Cultura On-line version ISSN 2317-6660. Ver. Cienc. Cult. vol.66 no.2 São Paulo June 2014. Disponível em: < http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252014000200014>. Acesso: 26Mai2018.

MORELLI, Felipe. *Esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Projeto História, São Paulo, n. 49, pp. 445-453, Abr. 2014. Disponível em: < <https://revistas.7upucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/20479/15635> >. Acesso: 13Mai2018.

PADEIRO, Carlos Henrique S. *O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro*. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.google.com.br/search?ei=8ggbW_6wIoOXwQTxo53ICw&q=PADEIRO%2C+Carlos+Henrique+S.+O+predom%C3%ADnio+do+entretenimento+no+jornalismo+esportivo+brasileiro.+S%C3%A3o+Paulo%2C+2015.&oq=PADEIRO%2C+Carlos+Henrique+S.+O+predom%C3%ADnio+do+entretenimento+no+jornalismo+esportivo+brasileiro.+S%C3%A3o+Paulo%2C+2015.&gs_l=psy-ab.3...8738.63310.0.65056.2.2.0.0.0.0.0.0...0...1c.1.64.psy-ab..2.0.0...0.ut14rmCI4cI>. Acesso: 12Mai2018.

PEREIRA, Vinicius Andrade. *Entretenimento como Linguagem e Multissensorialidade na Comunicação Contemporânea*. Foz do Iguaçu: Intercom, 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1691-1.pdf>. Acesso: 14Mai2018.

PORTAL MEMÓRIA GLOBO. *Esporte Espetacular*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/esporte-espetacular/formato.htm>>. Acesso: 18Mai2018.

_____. *Globo Esporte*. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/esporte/programas-esportivos/globo-esporte/cenarios.htm>>. Acesso em: 18Mai2018.

PRIOLLI, Gabriel. *Vinte velinhas para a Rede Globo*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política *Print version* ISSN 0102-6445. **Lua Nova vol.1 no.4 São Paulo Mar. 1985** <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451985000100015>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-64451985000100015>. Acesso: 17Mai2018.

RIBEIRO, André. *Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

SANCHES, Aline s. et al. *Tema 4 – A televisão no Brasil*. 20 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://jornalismounivap.blogspot.com.br/2011/11/tv-tupi-dezoito-de-setembro-de-1950.html?view=classic>>. Acesso: 12Mai2018.

SAROLDI, Luiz Carlos ; MOREIRA, Sonia Virgínia. *Rádio Nacional: o Brasil em sintonia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

SOARES, Edileuza. *A bola no ar*. – São Paulo: Summus, 1994.

UOL ESPORTE. *15 programas que não existem mais e deixaram saudade*. Uol Esporte Vê TV. 5 de outubro de 2017. 04h00. Disponível em: <<https://uolesportevetv.blogosfera.uol.com.br/2017/10/05/15-programas-esportivos-que-nao-existem-mais-e-deixaram-saudade/>>. Acesso: 17Mai2018.